CMP 2.1.9.112-1

CASAMENTOS

de Antigamente

As clarinadas do seu primeiro vigário, arauto da pujança do solo campinense, espalharam-se repetindo de lombada em lombada, de solar em solar, de vila em vila, clamando aos meninos que as ouviam, aos jovens que as ponderavam, aos senhores que pressentiam boa paga para suas realizações. E Campinas passou de terra dos que viviam de roça, à objetivo de abastados e poderosos com recursos para aqui plantar cana, montar engenhos, fabricar e exportar açúcar para o Reino. Iniciada esta cultura no setecentismo, já em 1818 Saint Hilaire contava mais de uma centena de engenhos em Campinas. Fabricava-se o açúcar que era enviado para Santos em lombo de burros, em cargueiros, e posto em navios que o levaria para Lisboa. Atividade lucrativa, multiplicaram-se as fortunas; senhores de engenho tinham na cidade portuária firmas comissárias e exportadoras; eram homens de empresa, viajavam para centros maiores, frequentavam o Rio de Janeiro e privavam com seus fidalgos, aristocratas e homens de negócios. Passavam a residir em amplos sobrados dos seus engenhos, tinham sua casa na vila para as festas da igreja, missa do preceito, procissões, Semana Santa, usufruindo dos privilégios do senhor de engenho, concedidos por lei régia que enobrecia tais latifundiários. A riqueza trouxe fausto e abastança, mobiliário mais caro, luxuoso guarda-roupa, amplas residências como sedes de engenhos que tiveram construídos seus solares, sobrados solenes ou casas solarengas acolhedoras; e nos foi permitido, por documentário valioso, transpor os umbrais do solar do engenho da Lagoa, fundado em 1801 pelo Major Teodoro Ferraz Leite, nas proximidades do antigo bairro dos Amarais. Grande sobradão era sua sede com a fábrica de açúcar, a casa de purgar onde se clarificava o produto; alambiques, caldeiras de cobre, taxos e escumadeiras, moinho e demais montagens a compor o rico senhorio com as pastarias, muito gado, os quarteis de cana, tudo servido por quase uma centena de escravos, com animais de sela ajaezados de prata e bestas arreadas para o transporte das cargas e da elegante e encortinada liteira.

Mas, o alto do sobrado é que abrigava o lar senhorial de um casal feliz; numerosas janelas iluminavam os salões e câmaras da residência abastada. A jovem senhora, no encanto dos seus verdes anos, de corpo exuberante e rara formosura, a mais bela mulher de Campinas no dizer de seus contemporâneos, na faina doméstica de mãe estremosa, perpassava e dirigia sua casa; seu vasto salão de jantar era bem paulista, sóbrio e de discreta riqueza; a baixela era de louça inglesa, de jantar e de chá, as salvas e talheres de prata entre copos e cálices de cristal lapidado; ao centro, a mesa com suas cadeiras e, de encosto às paredes, não só a marquesa ampla e os canapés, como um nobre e alto relógio de cadeias e pesos a marcar o tempo de ventura; e tudo era alegrado com os cilindros musicais do realejo, instrumento da época, que sonorizava este aconchego de paz e encantamento.

O senhor do engenho era de apuramento de hábitos, trajando sua casaca e calções de seda, mantéu de renda, espada e faixa militar. No seu nobre solar nasceram-lhe os filhos, aumentou grandemente sua fortuna, e foi aí que se casaram as filhas, meninas-moças no florescer de seus catorze anos; e aqui podemos alar nossa fantasia em tradições rememoradas, para a imaginação de uma das festas tão comentadas anos após:

Os convidados chegavam a cavalo e só

CMP 2.1.9.112-2

pessoas idosas se conduziam em liteiras que se vedavam com cortinas de seda. No sobrado do engenho, amplo e senhoril, com sua simpleza que o fazia belo, internamente viam-se os cômodos pródigos de área permitindo melhor perspectiva para as peças de jacarandá e caviúna de correntios traços e linhas do estilo Dona Maria Primeira. Um vasto salão com muitas janelas que se abriam para um pomar de mangueiras gigantes que as superavam, acolhia os convidados. Na parede oposta da qual pendia espelho de cristal com moldura de talha, encostavam-se um longo canapé e numerosas cadeiras de palhinha trançada nas peças de pesado madeiro; interpunham-se dois consolos elegantes, de quatro colunas torneadas e pés de graciosas curvas que encobriam a necessária solidez de suportes, consolos que fronteavam outros dois iguais entre janelas, todos mantendo castiçais de prata com velas esguias resguardadas pelas donzelas, grandes mangas de cristal que vedavam a iluminação dos açoites do vento. A espevitadeira e a salvinha cumpriam sua finalidade.

No canapé e na maioria das cadeiras, assentavam-se as senhoras de mais idade e descansavam os anciãos alquebrados; as moças de pé, na graça e formosura da juventude, ocupavam toda esta metade do salão, como um ramalhete de botões de rosas a embelezar o ambiente. Na outra metade e separados pela passagem onde desfilaria a noiva, ficavam os senhores graves nas suas casacas e os moços elegantes no viço da mocidade, a olhar para as moçoilas e com elas trocar olhares tão profundos e significativos que valiam pelos arroubos de uma declaração de amor, no tempo em que se amava à distância e furtivamente.

Em parede do extremo do salão, entre duas janelas, uma porta com sua metade superior de treliça havia sido aberta desvendando o oratório do solar, um altar embutido com a Senhora da Conceição vindo do Reino, talhada, dourada e rendada em cores, violácea no seu manto e rosa claro na sua túnica. Acompanhavam-na duas pequenas imagens marcadas pelo tempo, de São Joaquim e São Mateus Evangelista; abaixo, à frente da Senhora, pequena cruz de jacarandá sustinha o Cristo expirante.

Ao lado direito, junto ao oratório, postava-se um jovem elegante, vestido de casaca e colete de seda, calça mais moderna que os calções. Moço guapo, esbelto e bem posto, era noivo muito cobiçado; vindo de outras terras, de distinta família abastada e de boa linhagem, era bacharel pelas arcadas numa de suas primeiras turmas, antevendo-se-lhe um brilhante futuro. O que mais nele se denotava era a inquietação que a todos parecia justificada com a solenidade do ato; mas o que o mantinha alanceado de dúvidas, era, para ele, a desconhecida figura de sua noiva que jamais vira; seria feia, gordalhona, desajeitada ou minúscula, insignificante, sem vida? Bonita como lhe afigurava pelos pais? A mãe bonita fora apreciável balzaqueana de bastante corpo, jovial rosto cheio de frescor e mocidade; o pai, bem mais velho, não era feio apesar de avançado nariz que lhe dava ar de superioridade. Para o noivo, os minutos pareciam horas e suas mãos cruzavam-se e descruzavam-se, brincavam nervosamente com os botões do colete, como se estivessem sobrando naquela hora de angústia.

Finalmente, no outro extremo do salão, abriu-se uma porta ampla e surgiu um par: ele avelhantado, solene, de casaca e véstia de seda pura, calção de seda fechado abaixo dos joelhos e cobrindo os punhos das meias com fivelas de ouro; sua faixa militar sobreposta com a espada de punho de prata significavam o seu alto e antigo posto; sua mão alçada e dentro de uma luva de seda, suportava a delicada mãozinha da noiva que ele conduzia. O noivo se extasiou; a surpresa era de encantamento; a que iria ser sua esposa era uma faiança de graça e de beleza: menina moça de catorze anos, já feita de corpo elegante e esbelto, tinha um rosto de anjo, e tez pálida como as flores de estufa, boca bem esculpida e o nariz perfeito entre dois olhos fulgurantes; vestia rendas alvinitentes bordadas a ouro. E o par vagaroso avançou transpondo o salão até o altar onde os noivos prestaram, trêmulos, os juramentos sacramentais, recebendo as bênçãos do vigário da paróquia, amigo dos mais caros da família da noiva que ele batizara naquele mesmo oratório.

Finda a celebração, depois dos abraços e das lágrimas, seguiu-se o banquete na vasta mesa com toalhas e guardanapos de linho, copos de cristal lapidado, fina louça inglesa e travessas da Companhia das Índias, com os leitões assados, os cabritos de espeto, os patos recheados, douradas perdizes e o lombo de porco, almôndegas e empadas, a torta de frango e o cuscuz de peixe, seguidos do arroz de forno e das verduras variadas e suculentas . O vinho era do Reino, trazido de Santos em lombo de burro. À sobremesa surgiram os doces de fruta, goiabas em calda, de caixeta, flácida ou puxa, a velha marmelada, branca ou vermelha, os fios d'ovos, papos de anjo, sonhos, fatias do céu, arroz doce e tantos mais.

O casamento era um ato que se avultava pela sua santidade. Sacramento da perpetuação da espécie, era dos mais emocionantes atos familiares, com longos, custosos e absorventes preparativos; com sua solenidade de coletiva alegria, de felicidades e esperanças, com suas festas que no século passado se estendiam por dias seguidos num júbilo geral de amigos, parentes e até fámulos. Casamento era um estremecer de corações, de sobressaltos dos pais, de enlevo e dúvida dos noivos, de augúrios dos parentes e amigos; era um semear de novo lar, de uma nova família como se nova árvore fosse plantada para crescer e frutificar num desdobramento de gerações. Cristãmente está a se repetir pelos séculos como alicerce indispensável à estabilidade social da civilização.

Dentro das famílias sempre houve para o casamento uma liturgia própria que palidamente se modifica sob os ditames dos hábitos que marcam cada passo da história. Os casamentos antigos se faziam precedidos de combinações dos pais dos nubentes aos quais cabia a escolha, o trato prévio concertando condições para os futuros noivos. Tinham eles em mente casar as meninas aos doze ou catorze anos,

CMP 2.1.9.112-3

idade própria, e os moços quando seguros na vida, comumente aos vinte e cinco e trinta anos. Escolhiam-se as famílias pelos seus maiores, seus antepassados, seus colaterais de importância; escolhiam-se os noivos pelas posições que ocupavam, pelas habilidades para a administração do lar, pelo caráter, educação e cultura que os igualasse e pela consolidação das fortunas. Não havia cogitações quanto ao gosto dos noivos que só se conheceriam no altar.

Mas nem sempre eram tão rígidos os velhos costumes de nossos antepassados, pois, dentro da tradição também havia os liberais que toleravam audição aos noivos mudando o curso das negociações paternas. De liberalidade, podemos rememorar um projeto nupcial realizado em velha e rica vila onde o comandante militar da praça, homem de vastos haveres, agricultor, comerciante, exportador e armador, recebeu em seu vasto salão de visitas, de nove metros de extensão, com teto de três posições e decorado, no sobrado do largo da matriz, um pretendente para a filha. Ouvido o pedido, ponderadas as recomendações, o ricaço chamou a filha à presença do pretendente e a interpelou: "Maria das Dores tu queres casar com este senhor?" Ao que ela submissa respondeu: "se for da vontade de meu pai, eu quero". E este querer devia ter sido sincero, pois o noivo era um belo rapaz; casaram-se lá pelos anos de 1812 e tiveram dezesseis filhos.

Outro pai, senhor de engenho em Campinas e bacharel em direito, recebeu um pretendente que não teve a mesma sorte do anterior, pois a mãe da mocinha permitiu que a filha olhasse o pretendente pelo orifício da fechadura da qual ela se afastou chorando e dizendo que não queria se casar com aquele homem. O pai atendeu aos desejos da filha e só aceitou pedido do segundo pretendente que, conhecido da mocinha, mereceu dela a exclamação: "com este eu quero casar".

As escolhas feitas pelos pais muitas vezes uniam primos, consangüínios, de duvidoso resultado para a progenie, já que a união poderia resultar acumuladas qualidades ou fatores negativos, pelo que a Igreja, para a celebração delas, exigia dos noivos um prévio ato de sacrifício que os conduzia à ponderação necessária e à consciência de suas responsabilidades. Entre primos, casaram-se muitos na velha Campinas. Um casamento que resultou em vantagem para os decendentes, pelas qualidades que neles imprimiu, e que constituiu ato social de grande relevo, realizou-se no engenho do Mato Dentro, no casarão solarengo de grande porte, aberto em corredor central ladeado de salas e alcovas até a imensa sala de jantar que se estendia por toda a largura da casa na tradicional disposição das residências da época; tinha a seu lado, anexada, a sua capela, na forma graciosa de solares portugueses.

O casamento realizou-se com apuro e elegância ao gosto dos nossos rígidos e pragmáticos avós, aos 16 de junho de 1817; testemunhou-o o capitão-mór de Campinas, João Francisco de Andrade que envergando suas vestes de solenidade e faixa própria, levava a esposa para assistir as bodas. Outra testemunha foi o Major Teodoro Ferraz Leite, senhor do engenho da Lagoa do qual tratamos, e que tinha a seu lado a sua jovem e formosa segunda esposa, Maria Luísa Teixeira Nogueira de Camargo, prima da noiva. E quantos campinenses de prol, como as testemunhas, não estariam também, a cavalo ou lotando suas liteiras, em busca do rico engenho para o casamento da sinhazinha da casa que era a futura Viscondessa de Campinas, então Maria Luzia Aranha, casadeira pelos hábitos da época, de tez moreno-clara, olhos pretos e muito vivos, nariz perfeito, boca direita e bem rasgada na moldura dos lábios de curvas elegantes, como nos mostra seu retrato de anciã de agradáveis traços e doce semblante de bondade.

Tal casamento teve uma especial característica com a ausência do noivo, que casou por procuração. Era ele Francisco Egídio de Sousa que, co-herdeiro do

CMP 2.1.9.112-4

engenho, cultivou-o com dedicação e zelo merecido por este grande latifúndio, tratou dos canaviais, fabricou açúcar e aguardente, aumentou a escravatura, criou gado e fez uma das primeiras e vultosas plantações de café, sem alinhamento e chamada "café do burrico", ainda existente a cinquenta anos, mas lamentavelmente destruida quando o imóvel passou à propriedade do governo do Estado.

Um hábito curioso era o uso do próprio nome pelas mulheres da classe abastada, pois usavam um nome abreviado ou um nome religioso nos atos da Igreja, e o nome completo em atos civis, como as escrituras públicas. A futura viscondessa de Campinas se casou com o nome de Maria Luzia Aranha, com o primo Francisco Egídio de Sousa, como consta do termo de registro, passando ambos, depois de casados, a usar dos apelidos Sousa-Aranha, uma vez que o noivo era também Aranha pelo lado materno. Em batizados dos filhos a futura Viscondessa registrava seu nome religioso, Maria Luzia da Conceição, assim como suas filhas nos batizados de seus netos; enquanto sua prima tinha nos atos religiosos o nome abreviado de Maria Luíza Teixeira e nas escrituras o nome completo de Teixeira Nogueira de Camargo.

Usavam-se os casamentos coletivos em classes modestas ou abonadas, como o que se realizou em 1862, na festa do Divino, festa que era de explendor pela grande devoção que tinham pelo Divino Espírito Santo. Em cada ano escolhia-se um festeiro que se esmerava em dar o maior fulgor à grande festa; a parte religiosa compunha-se de novena preparatória, missa cantada com procissão do Espírito Santo e sermão por pregador especialmente convidado, e que neste ano foi o vigario de Indaiatuba, Padre Antônio Casimiro. A parte profana compunha-se de festas populares e seus entretenimentos, fogos, rojões, cavalhada e lauto banquete oferecido pelo festeiro.

Neste ano de 1862, foi festeiro o advogado provisionado Ildefonso Antônio de Morais, nascido em Santos em 1818, e que se mudara com seus irmãos para Campinas onde advogou até a sua morte em 20 de outubro de 1876. Fez, por força de promessa, a sua festa do Espírito Santo com gesto de caridade dotando e fazendo casar nove órfãs, em ato soleníssimo na matriz durante a missa cantada.

Campinas de 1865 acentuava-se numa transformação econômica, do açúcar, a grande coluna de uma riqueza inicial, para o café, que cada vez mais, assumia a soberania da produção e do lucro. A febricitante atividade dos engenhos que no mês de maio faziam o corte e conduziam em sonolentos carros de boi toda a cana para os cilindros que começavam a moagem entre as festas de tempos generosos, passa o cetro da fartura ao café, também festivo no outono com suas turmas de pessoal ridente e animado que, com peneiras, corriam para o cafezal na azáfama da colheita. Ambas as culturas davam às propriedades agrícolas o sentir venturoso e festivo de colher os frutos de um ano de trabalho; corte e moagem de cana e colheita e benefício de café, era o tempo de animação e esperanças da paga de um penoso labor.

Cândido José da Silva Serra era um campinense de quatro costados; suas propriedades, de cana e café, se localizavam nas divisas do município, dispondo de duas sedes tão próximas uma da outra que entre elas se entendiam por sinais; a fazenda Tatu, de terras altas, dedicava-se ao café, e a Cachoeira, na planície, estava indicada para a cana de açúcar. Chefe de numerosa família, e opulento, fez Cândido Serra casar, no mesmo dia, 6 de novembro de 1865, seis filhos, dois homens, José Floriano de Campos Serra e Joaquim de Campos Pais de Andrade; e quatro filhas, Cândida Eleutéria de Campos Serra, Ana de Campos Pais de Andrade, Maria Eleutéria Campos Serra e Deolinda Francisca de Andrade. E cada um jurou união ao seu cônjuge "até que a morte os separe", e cumpriram seus juramentos.

Celso Maria de Mello Pupo.

Ile "Première" - Campinas, agosto de 1981.
Revista Periódica da cidade

Mapa do Embaçara —
cadeia da terra — integral e brasão negativos?
cadeia brasão " "
chapadão e Barra gigante da mata